

AS FILHAS DO ADEUS

PATRICIA GONÇALVES TENÓRIO

Recife, PE

Copyright © Patricia Gonçalves Tenório, 2021.

Organização dos originais: Patricia Gonçalves Tenório

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tenório, Patricia Gonçalves

As filhas do adeus [livro eletrônico] / Patricia Gonçalves Tenório. -- Recife, PE: Ed. da Autora, 2021.

PDF

ISBN 978-65-00-36956-4

1. Contos brasileiros I. Título.

21-95826

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ISBN: 978-65-00-36956-4

CRB



9 786500 369564

Amora continuou olhando para frente, onde umas crianças brincavam no parquinho do pátio. Deitou a cabeça no ombro de Angélica, que lhe deu um beijo na têmpora, um beijo comprido, cheio de pensamentos quentes. Mas foi a coisa mais brega, dita depois, que fez Amora entender: Você é quase toda amor.

(Amora, de Natalia Borges Polessa, que me inspirou a escrever este livro)

SUMÁRIO

Angélica

Bernadete

Carina

Diana

Elba

Fabiana

Gisela

Iaranda

Jaíne

Karla

Luciana

Marta

Nancy(i)

Olga

Polyana

Rosilda

Soraia

Thereza

Valderez

Wilma

Zenaide

A cena irá mudar em alguns instantes. Um jovem, encostado na balaustrada de madeira do barzinho, sorri descontraído, enquanto beberica uma cerveja, enquanto uma filha sobe as escadas, atravessa as mesas do bar, chega à varanda, na frente do namorado, séria, e carregando os pedaços quebrados do corpo, da alma.

Este livro é composto por histórias reais, por ficções verdadeiras. Escrevo uma novela fragmentada em vinte e um breves contos (novela por se tratar da mesma protagonista, Patricia, em terceira pessoa do singular), a partir de fatos que poderiam ter sido, a partir do encontro com personagens femininas que marcaram, de alguma forma, a minha vida, situações da realidade, o que poderia ter acontecido de maneira diferente, e, o mais importante, se eu seria essa pessoa que tem a escrita como água e ar dos meus dias parados.

Angélica

Estavam no pátio do colégio, aos onze anos. Angélica vê Patricia na primeira fila, Patricia que sempre gostou de ficar na frente. Talvez por ser filha mais velha, talvez porque escutava melhor próxima ao professor que as enfileira para cantarem o hino nacional.

Patricia não vê Angélica no primeiro dia de aula, no colégio novo. As duas eram tímidas. Talvez não tivessem se conhecido, e forjado a amizade mais antiga de ambas.

Angélica observa a talvez futura amiga na hora do recreio. Aquela está sentada no canto esquerdo da lanchonete, numa mureta de cimento pintada de vermelho escuro. Patricia não a vê enquanto pede Coca-Cola com batata frita. Na verdade, ela só foi comprar Coca-Cola para trocar pelas miniaturas do refrigerante que estava colecionando na época. Apenas por colecionar.

Patricia não gosta de refrigerante. Especialmente Coca-Cola. Hoje em dia, com labirintite e tudo o mais, ela não bebe refrigerante há muito tempo. Antigamente gostava de Guaraná. Mas nem isso, hoje em dia.

Angélica observa a talvez futura amiga comprar refrigerante com uma porção de batatas fritas, levar o brinde das miniaturas de Coca-Cola e não entende, não entende mesmo, como uma menina tão magra come todo dia a mesma coisa e não engorda.

Até o momento em que Angélica se levanta de repente, sentada que estava no canto esquerdo da lanchonete, esbarra sem querer em Patricia e no lanche engordante, a garrafa de Coca-Cola cai no chão, e um caco de vidro se aloja e marca para sempre o joelho direito da não mais futura amiga Patricia.

Bernadete

Supondo que Bernadete não se separou. Supondo que não foi fazer poesia performática para aliviar a dor da separação, preencher o vazio profundo de uma família desfeita.

Supondo que ela não esteja ali, no restaurante do Recife Antigo, rodeada de amantes das artes, dos livros, uma confraria somente de mulheres. Supondo que não tenha bebido vinho tinto além do que deveria, para quebrar a timidez e alcançar o outro lado da mesa, onde viu duas moças olhando em sua direção.

Uma morena. Outra branquinha, branquinha, com as bochechas rosadas, também por causa do vinho. Supondo que fosse o vinho. Elas aguardam a performance sobre Goa, cidade dos ancestrais de Bernadete.

Supondo que Bernadete fica muda, diante daquelas trinta mulheres, diante da possibilidade de não agradar, e de não trazer de volta, à tona, aquela menina sapeca, que encantava a mãe, as irmãs, que encantaria Patricia e Karla, do outro lado da mesa redonda, no restaurante do Recife Antigo, em Pernambuco, se recitasse a poesia.

No caminho de Goa

Eu vou

Buscar as sombras

Esquecidas

Mudar o destino

Difícil

De ser mulher

E mãe

Filha

Amiga

Carina

Eles chegaram em um Chevette vermelho duas portas, Carina e o primo. Era para ser uma carona, inocente, despretensiosa, para Patricia, a colega da faculdade em Recife, a amiga de adolescência em Maceió.

Carina convidou Patricia para ser uma das quinze amigas no aniversário de quinze anos. O aniversário de debutante. Carina convidou Patricia para ir ao cinema assistir a um filme de ação, com o primo e o namorado. O primo havia terminado um relacionamento de dois anos. Patricia havia mudado de turma por causa de uma desilusão com um colega de faculdade.

E se Patricia não houvesse aceitado o convite de ser uma das debutantes no aniversário de Carina? E se Carina não houvesse convidado Patricia para o filme de ação, com o namorado e o primo?

Patricia acordaria com febre na semana do aniversário de quinze anos da amiga de colégio, o mesmo colégio onde conheceu Angélica, que poderia ter sido sua melhor amiga. A febre seria benigna, daquelas que a gente tem junto com dor de barriga, daquelas que meninas têm junto com insegurança, de não ser bonita o suficiente, de não ser inteligente o suficiente. Não ser suficiente. Ligaria para Carina se desculhando, pedindo milhões de desculpas, mas ela teria de convidar outra amiga para ir em seu lugar, para entrar no jardim cheio de mesinhas brancas da casa de Carina, e passar pelo primo, e não o reconhecer quase cinco anos depois.

Ou Patricia ficaria parada quando visse Luís Roberto abraçado com Flávia, na escadaria da faculdade. Ela poderia passar ao lado do casal, como se não os visse, como se não ligasse para a traição da amiga e do amigo-talvez-futuro-namorado, terminasse o curso de Ciências da Computação na mesma turma, não mudasse para a turma de Carina, nem conhecesse o primo, nem iria de carona, inocente, despretensiosa, no Chevette vermelho duas portas dele. Não ficariam sentados lado a lado. Não assistiriam, no outro dia, *Adorável sedutora*, com Tom Selleck, no cinema Recife 1, 2, 3, e tomariam água de coco à beira-mar, e conversariam sobre política, e o talvez-futuro-namorado-e-marido lhe desse um beijo na boca.

Diana

Patricia foi Diana uma única vez na vida. Quando, aos sete anos, vestiu-se de vermelho e azul, no pastoril da escola.

Ela torcia por Virgínia, a mestre do cordão encarnado. Mas também por Fabiana, a mestre do cordão azul. Batiam na palma da mão esquerda, os pandeiros enfeitados com fitinhas coloridas, e o de Patricia era o mais bonito com as duas cores.

Gostava de não estar nem para a direita nem para a esquerda, mas ao centro. No meio das duas possibilidades, confluindo opostos, navegando paradoxos, sem nunca paralisar.

E as cantigas eram a melhor parte.

Borboleta pequenina

Saia fora do rosal

Venha ver quanta alegria

Que hoje é noite de natal!

Foi quando Patricia teve pneumonia. Uma vez. Na segunda, a mãe zelosa a retirou do pastoril, do balé e do piano. Tudo ao mesmo tempo. Até que Patricia resolveu transformar-se em escritora e sair espalhando borboletas por aí.

Elba

Elba poderia criar coragem e ir falar com a escritora pernambucana. O teatro Joaquim Cardozo lotado com a apresentação do espetáculo adaptado do segundo livro de Patricia.

Elba sempre gostou de poesia, escrevia desde criança, mas não mostrava para ninguém. Ou mostrou, um dia, para Bernadete, aquela da possível performance, no encontro da confraria de mulheres, no Recife Antigo.

Elba mostrou para Bernadete que a convidou para o espetáculo teatral. Era a adaptação de um livro que falava de joaninhas, e de amor perfeito, e o cenário era todo branco, feito nuvens de algodão.

O teatro Joaquim Cardozo lotado, em um tempo que podíamos sentar todas juntas e não nos contaminar, numa época em que era mais fácil travar novas amizades, e se aproximar de uma pessoa totalmente estranha – uma escritora –, sem medos ou pudores, e externar o que vai lá no mais âmago da alma, quando se lê, e se gosta, e se muda de vida por causa de um livro bom.

Será que Elba quebra o encanto da timidez e fala com a escritora pernambucana?

Fabiana

Fabiana sobe a escadaria da livraria Cultura do shopping center em Porto Alegre. Ela sente uma falta de ar que estava acontecendo com frequência nos últimos dias. Nos últimos meses. Mas não poderia deixar de aparecer no lançamento do livro da amiga de infância.

Da melhor amiga de infância. Será que Patricia sabe disso? Será que me reconhecerá? O reconhecimento alheio maior do que o reconhecimento próprio?

E eram tantos degraus, e os graus Celsius não paravam de baixar naquela Porto Alegre fria. Na Porto Alegre gélida, mas preferia do que a casa dos pais em Maceió. Preferia do que a mãe mandando na carreira, nos relacionamentos amorosos, na vida toda de Fabiana.

No fim da escadaria avistou uma orquídea azul. Era uma mesa de madeira oval para a sessão de autógrafos, mas Fabiana só viu a orquídea azul. Até que uma moça da idade dela – não era tão moça assim –, até que uma mulher da idade dela se aproximou e abriu os braços, longamente, e envolveu os braços, longamente, ao redor de Fabiana.

– Minha amiga...

Na segunda-feira, Fabiana foi ao médico e iniciou tratamento para curar a leucemia. Na mesinha de cabeceira, descansava a orquídea azul.

Gisela

Na segunda turma do segundo ano de doutorado em Escrita Criativa, Patricia conheceu Gisela. Ela estava na disciplina de Oficina de Narrativa – Romance, do escritor e professor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil.

Gisela lembrava Karla, lembrava Bernadete, ambas mencionadas na performance que poderia ter sido, no Recife Antigo. Mas a cena que irá mudar em alguns instantes, trata de uma gaúcha que morou no Rio de Janeiro, e é um híbrido das duas cidades. E é uma artista híbrida, mistura boa de atriz, cantora punk, poetisa, professora e teórica livre das amarras da academia, criando, com as próprias mãos, a teoria que lhe faz bem à alma.

Que lhe faz bem ao corpo, porque Gisela respira a arte nos pulmões, e transpira pelos poros todos, pelas células todas, até chegar ao DNA e mudar uma vida inteira. Ao menos a vida daquela nordestina, aluna vínculo de doutorado em Escrita Criativa, que a admira no café do bloco 8 conversando com o escritor, editor e palhaço paulista Frederico Linardi.

Um dia, os três juntos, iriam ao Guion, beberiam uma taça de vinho tinto e celebrariam a amizade.

Iaranda

Parece que foi outro tempo que Patricia se dirigiu com os filhos mais novos ao Recife Antigo durante a pandemia.

Era dia dos pais, e o pai dos filhos estava isolado deles, eles estavam isolados do mundo, como se fosse um filme de ficção científica. A ciência ainda não havia descoberto a vacina contra Covid-19 e eles saíam no carro de máscaras, luvas e álcool em gel.

Patricia, impactada com o livro de Iaranda. A leitura do livro da colega de mestrado em Teoria da Literatura, e que agora se aventurava pelo mundo mágico da ficção. Porque o que viviam não poderia ser realidade, a realidade incrível mais fantasiosa do que a criação literária.

E os cenários do livro de Iaranda tornaram-se críveis para Patricia. E Patricia viveu *Salomé*, o primeiro livro de Iaranda, nos mínimos detalhes: a praça da República, o palácio Campo das Princesas, o teatro Princesa Isabel, a Casa de Cultura, antiga Casa da Detenção. E as pontes. E os mangues. E a diferença social, gritante, que não permite os seres humanos caminharem mão a mão, passo a passo, juntos e juntas, como se houvessem nascido no mesmo instante, atravessado o paraíso em busca da árvore do conhecimento e libertado uns e umas da escravidão. De corpo e alma.

Jaíne

Aquela moça, Patricia talvez não a tivesse conhecido se não fosse graças a Cida Pedrosa.

Estavam, Cida e Patricia, na livraria Cultura do Paço Alfândega em Recife. Tomavam café. Folheavam o projeto do livro de Cida, *As filhas de Lilith*, com ilustrações de Thereza da Costa Rego. Falavam de literatura, e poesia, e vida, quando aquela moça subiu os últimos degraus da escadaria. Uma escadaria cheia de flores do campo, como se fosse a do livro de J. M. Simmel.

Uma escadaria cheia de dons, porque Jaíne seria apresentada em 2008 para Patricia, e nunca mais se afastariam uma da outra, e nunca mais Patricia conseguiria imaginar outra pessoa para cuidar dos seus livros como se cuida de flor, como se sente o aroma de jasmim subindo das páginas impressas, e editoradas, e ilustradas pelas mãos de Jaíne.

E Jaíne jamais imaginou encontrar aquelas palavras, jamais se debruçou em palavras feito as escritas por Patricia. As histórias lembravam Moreno, a cidade próxima a Recife, onde pai, mãe e tia habitavam juntos, em harmonia. Era como se sentisse em casa nas páginas escritas por Patricia e nunca mais, nunca mais mesmo, desejasse voltar ao mundo real.

Karla

Elas poderiam nunca ter brigado. Elas poderiam ser amigas até hoje, com todas as diferenças. Mas Patricia escolheu o caminho mais difícil – sempre escolhia os caminhos tortuosos. Parece que, para ela, a perfeição só é alcançada com o sofrimento.

Aquela viagem para Minas. O percurso de Guimarães Rosa. Patricia vê Karla arregaçar as barras da calça jeans para entrar no rio São Francisco e pedir bênçãos. Patricia toma o diário que carrega sempre consigo – como se fosse Guimarães –, o diário e a caneta bic preta – ainda não usava canetas coloridas –, e rabisca um personagem. Não era Karla, simplesmente. Era uma mistura de Karla com Eduardo Tornaghi e tantos personagens roseanos.

Quando chegam a Três Marias, uma senhora bem velhinha se aproxima de Karla e Patricia e declama um oráculo: que as duas sempre serão amigas, não importa o que aconteça.

Patricia pensa naquela tarde, hoje, no momento em que está em Minas novamente para conhecer a casa de Carlos Drummond de Andrade e visitar a de João Guimarães Rosa. Dessa vez está só, Karla não se encontra ao seu lado. Ela olha para a cama ao lado, vazia de sentido, mas cheia de amizade.

Como dizia Walt Whitman:

Pleno de vida agora, concreto, visível,
 Eu, aos quarenta anos de idade e aos oitenta e três dos Estados Unidos,
 A ti que viverás dentro de um século ou vários séculos mais,
 A ti, que ainda não nasceste, me dirijo, procurando-te.

Quando leres isto, eu que era visível, serei invisível,
 Agora és tu, concreto, visível, aquele que me lê, aquele que me procura,
 Imagino como serias feliz se eu estivesse a teu lado e fosse teu companheiro,
 Sê tão feliz como se estivesse contigo. (Não penses que não estou agora junto de ti.)”

(WHITMAN, W. Pleno de Vida Agora. In *Cálamo*. Tradução: José Agostinho Baptista. 3ª edição. Lisboa: Assírio e Alvin, 1999, p. 35)

Luciana

Patricia poderia entrar no quarto escondida para ver o rostinho de Luciana. Mas a mãe não deixaria. A mãe cuidadosa e receosa de que a menina de dois anos e meio derrubasse a irmã recém-nascida no chão.

E seria assim a vida inteira. O medo da mãe maior do que o carinho da irmã, do que a vontade da filha mais velha de ser amiga de Luciana.

A mãe lembraria do tempo em que também era irmã, da época em que deixou cair do berço a irmã caçula e a avó de Patricia nunca perdoou a mãe de Patricia. Por isso o cuidado extremo com Luciana.

Até que um dia. A porta estaria aberta. A bebê se transformaria em uma bela adolescente. Patricia entraria no quarto, e não pegaria escondido o cinto branco que a irmã ganhara da mãe. Patricia pediria emprestado o cinto branco e Luciana concordaria com um sorriso que iluminaria o rosto inteiro.

Marta

Seria tarde da noite. As duas colegas leriam, na sala quase escura, *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano. Leriam e não entenderiam muito bem, no peso dos treze anos. Melhor, Patricia não entenderia, Marta sim, e ensinaria à amiga os caminhos do socialismo no Brasil.

– Comunista de beira de piscina!

O pai de Patricia proclamaria aos quatro cantos do planeta. O pai que seria o ídolo de Patricia, mas que ela desejaria, não sabia porque, desafiar.

Desafiaria o usineiro, quando tentasse convencê-lo a limpar o rio onde jogavam os restos da produção de açúcar. E convenceria. Quando tentasse convencê-lo de ser mais socialmente responsável. E convenceria.

Isso tudo por causa de Marta. Ela seria como um espelho para Patricia, que não saberia onde começava Marta, onde se começava. Até se apaixonarem pelo mesmo Marcos. Até Patricia não se convencer que poderia conquistar Marcos no lugar de Marta. E não se convenceria. E mudaria de colégio. E conheceria Otávio.

Nancy(i)

Nancy. Ela vê o piano ser levado pela porta que dá para a cozinha e o quintal em Casa Amarela, bairro do Recife. Ela vê os sonhos serem varridos com a vassoura de palha da cozinheira que se despede da patroa e das filhas porque eles não podem mais pagar, porque o pai e patrão perdeu tudo no jogo.

Nancy conhecerá Jáson, moreno quase preto, filho de uma família modesta, mas em condições de formar um lar, em condições de aceitar a jovem de pele branquinha, branquinha, mais pobre do que Jáson naquele momento, enxergando Jáson naquele momento, quando foi rejeitada pelo noivo rico.

Nanci. Ela deseja ser médica. Ela está cursando medicina para honrar o pai, filha caçula que é, numa família com mais três irmãs. Rosilda é a irmã mais próxima na idade e se casou com um usineiro, e ficou rica de repente, indo morar em Maceió.

Patricia. Ela nasce toda roxinha. Nanci está na sala de parto com Rosilda, médica residente que ela é. Está na maternidade Oscar Coutinho, ao lado do Imip, na Ilha do Leite, bairro do Recife. Foi amor à primeira vista com a menininha que nasceu parecendo morena escura, mas que na verdade era branquinha, branquinha.

E Nanci, quando Rosilda viajou com o marido João para os Estados Unidos, Nanci foi babá, cuidou de Patricia como se fosse filha. Patricia, deitada na cama com a tia, até chupou o dedão do pé esquerdo de Nanci pensando que era uma chupeta.

Olga

Ela observa Patricia entrando pela avenida Ipiranga na PUCRS. Patricia admira a fonte de água com a escultura e os dizeres *Ad Verum Ducit*, que significa: Leva à verdade. Não a qualquer verdade, mas à verdade essencial.

Ela observa Patricia caminhando pelo lado direito da fonte de água viva, Patricia colhendo as borboletas amarelas pintadas no chão da universidade de ambas, Patricia e seus cabelos encaracolados.

Ela teme o encontro no restaurante Garten em tempos de pandemia. Patricia tomou a terceira dose; ela não.

– Recife está adiantada na vacinação, amiga!

Sim, Recife está adiantada, ela estava adiantada, aguardando Patricia desde as 10 horas da manhã. Saiu às 08 de casa, tomou o ônibus geladinho, que não é mais geladinho, porque o ar-condicionado desligado, as janelas abertas, deixando entrar o ar quente de dezembro na capital gaúcha.

Porto Alegre é a terra provisória, a terra prometida para quem deseja escrever bem. E o que é escrever bem? Escrever parecida com os outros? Ganhar prêmios, condecorações? Ou será escrever com sentimento, retirando das entranhas fogo, água, terra e ar?

Patricia apresenta o seminário na disciplina Teorias da Criação Poética e ela se encanta, e ela se apresenta para tomarem um café juntas, após a aula, no restaurante Garten, na PUCRS. Patricia entra no restaurante e vem em sua direção, e abre os braços para envolvê-la por inteiro, coisas de pernambucanos.

– Tudo bem, Olga?

Polyana

Elas se conheceram na faculdade. Poly e Paty. Não andavam sempre juntas, mas se encontraram, na praia de Itamaracá, na primeira vez que Paty dirigiu, aos dezoito anos.

Estava Paty, Angel e outra amiga que não se lembram o nome, no Escort conversível da amiga de Recife. Angel havia chegado, com a amiga que não se lembram o nome, de Maceió. Paty queria levar a amiga de infância para conhecer o shopping Recife, a praia de Boa Viagem, a praia de Lia de Itamaracá.

Angel gostava muito de Lia, mas não foi ela que encontraram nas areias da praia, perto do Forte Orange. Quem estava lá era Poly, com a irmã Aninha, e toda uma confraria se formou, e aquele grupo de adolescentes chegando à idade adulta se animou, e resolveram voltar juntas para Recife, tomar banho, trocar várias vezes de roupa, para irem à noite ao barzinho famoso da cidade: o Zepelim.

No Zepelim, entre a lua cheia e os guaranás, Paty conheceria Dudu, que, no futuro bem próximo, seria o pai de seus filhos.

Rosilda

Ela nasceu aos oito meses. Apressada para vir à vida, conheceu não poucos sofrimentos, mas sempre se levantou nos momentos mais difíceis.

Sempre se levantou quando escorregou na banheira aos dezenove anos, e somente aos vinte anos conseguiu andar. O pai Jáson e a mãe Nancy envelheceram uma década, mas acreditavam na cura da filha, mesmo quando os médicos a desenganaram. A mãe Nancy fazia fisioterapia na filha maior do que ela mesma, a filha morena, a mãe branquinha, os cabelos de Nancy embranqueceram a olhos vistos naquele ano.

Naquele ano, Rosilda decidiu: iria fazer vestibular para Engenharia Química. Não é só para homens? Todos perguntavam ao redor. Jáson e Nancy se entreolhavam calados, mas não proibiram o sonho da filha acamada.

E ela se levantou, e deu os primeiros passos. E foi em direção ao sonho, como se agarra a uma tábua de salvação. E alcançou o sonho. Alcançou em primeiro lugar e foi eleita a musa da turma, bela que era.

E chamou a atenção do colega João. O jovem usineiro das Alagoas. O jovem tímido, alto, magro, óculos de aros pretos para a miopia. Ele a enxergou por inteiro. Ele a amou por inteiro. E namoraram, casaram. Rosilda iria trabalhar com João na usina da família.

Mas o pai de João, avô paterno de Patricia, o major de consideração José, não pensava amplamente, não concebia verdadeiramente uma mulher da família trabalhar.

E o sonho de Rosilda foi pelo chão. Ela juntou os pedaços do sonho e, com a coragem do tempo de parálitica, concebeu Patricia e a ensinou a escrever uma nova história com as próprias mãos.

Soraia

Se Patricia não se divorciasse, não viveria quatro cenas.

Na casa de Soraia, folheando um livro de fotografias em preto e branco, Patricia para na página de um casal de velhinhos. Os dois sentados, de mãos dadas, os rostos enrugados encostam um no outro, vendo o sol se pôr no mar. As lágrimas salgadas descem livres pelo rosto de Patricia.

*

Na varanda da livraria de Patricia, Soraia a escuta proferir as palavras mágicas que a amiga falava sem ainda estar consciente.

– Vou fechar a Domenico em março.

Patricia põe as mãos na boca, como se pudesse fazer as palavras voltarem atrás. Mas elas nunca voltam, criam asas e saltam no abismo da ilha de Creta, *Como se Ícaro falasse*.

*

O monte alto da roça de Soraia. Para lá se dirigiam Patricia-Ariana-Manoela acompanhando Soraia-Imperatriz-Mariana. Obstinadas. Incansáveis. Patricia de biquíni, saída de banho e tênis; Soraia controlava o riso para não magoar a amiga. E ajudava a amiga a não escorregar nas pedras lisas do monte, o monte alto da roça em Minas Gerais e que foi transportado para os livros de Patricia, *As joaninhas não mentem*, *A menina do olho verde*. O monte alto da libertação do medo, das limitações do corpo e da alma. Da vida.

*

O avião aterrizaria em Belo Horizonte. Faria uma década que não se viam. Tantos sonhos a ninar, tantas dores a curar, uma noite e um dia de conversa, talvez não desse tempo.

Talvez desse tempo de Patricia contar tudo para Soraia se elas não dormissem a noite inteira, se elas conversassem em código no outro dia, na frente do motorista que as levaria para Itabira, visitando a casa de Carlos Drummond de Andrade, que as levaria para Cordisburgo, visitando a casa de João Guimarães Rosa. E, no fim do dia, elas viveriam mais que uma década, uma amizade inteira que nem a distância nem o tempo conseguiram afastar.

Thereza

Thereza atendia Patricia há quinze anos. Há quinze anos vinha receber Patricia na entrada do consultório para ter a sessão de terapia, a sessão de análise. Até chegar a pandemia. Até as consultas não serem mais presenciais.

O que Patricia gostava no consultório de Thereza. Os quadros na parede. Gil Vicente. Reinaldo. A música ambiente. Vivaldi. Mozart. A cortina aberta na janela da sala de Thereza, a janela com vista para o mar.

No começo, Patricia não dizia tudo. Havia o medo de esvaziar na terapia o que poderia escrever na arte. Até descobrir que as duas eram irmãs, filhas da mesma necessidade: se manifestar através da palavra.

A palavra escrita. A palavra falada. E de sessões de terapia, mergulhou na análise. E era um mergulho profundo, muitas vezes doloroso.

Ali, em Porto Alegre, onde se doutorou em Escrita Criativa, Patricia revê os caminhos da vida, os descaminhos da dor, e imagina.

Uma vida só de amigos.

Um caminho só de amor.

Os problemas sublimados.

E se prepara para, na volta da viagem, continuar as consultas presenciais com Thereza que iniciou após a pandemia. E rever Reinaldo, Mozart. O mar.

Valderez

Ela acolhia todas as crianças no colo, na porta da escola. Patricia havia passado por um trauma na primeira escola, porque eram todas as salas, com todas as idades, misturadas na hora da saída. Com três anos, óculos de grau de arinho atrás da orelha, camisa e saia de poliéster azul escuro pinicando os braços e a barriguinha, sapatos pretos fechados apertando os pezinhos, e meias brancas até os joelhos, causando brotoejas nas panturrilhas.

Valderez acolhia as crianças, na porta da escola. Elas usavam sandálias abertas e refrescantes, short e blusa de algodão brancas com florezinhas coloridas, os óculos elogiados, o colo sempre quentinho da diretora da escola.

Se não fosse Valderez, Patricia seria muito mais tímida. Quando não conseguiu tocar na apresentação de piano, porque o pai não pôde ir, e deu um branco aos sete anos, Patricia sabia que iria chegar no outro dia e teria a diretora da escola com o abraço reconfortante, as palavras envolviam o pescoço, afugentando o medo e o branco de não se lembrar da partitura na apresentação de piano.

E não teria sido escritora, nem feito mestrado em Teoria da Literatura e doutorado em Escrita Criativa, nem dado aulas em público presencial. Ou não. Talvez Patricia ficasse mais tímida ainda, escrevesse apenas para si no diário cor-de-rosa. Sofreria mais, acreditaria menos. Viveria por caminhos tortuosos, até se encontrar com Valderez, ela e Patricia adultas, sentadas lado a lado no avião de Recife a Porto Alegre, as máscaras prendendo atrás das orelhas, durante a pandemia de Covid-19, e conversariam por três horas e meia seguidas, como se tivessem se conhecido pela vida inteira.

Wilma

O memorial seria para *O major – eterno é o espírito*. O primeiro livro de Patricia e ela não lançará.

Ou lançará com a ajuda de Wilma, a bibliotecária que organizou o memorial da Fundação José Tenório, lá no interior das Alagoas, lá na Boca da Mata. Uma cidadezinha em torno da usina que o major construiu e dedicou a vida inteira.

Se o major pudesse voltar ao mundo terreno e sussurrar no ouvido de Wilma Nóbrega e Carmem Lúcia – a museóloga da fundação –, de que Patricia deveria retirar a frase fatal, aquela que proibiu o lançamento do livro pela família, Patricia o teria nas mãos, no segundo andar da livraria Cultura do Paço Alfândega, aquela mesma livraria do encontro com Cida Pedrosa, Jaíne Cintra e a escadaria de flores do campo.

O campo entranhou-se na pele de Wilma, o major a tentar sussurrar os segredos futuros no ouvido da bibliotecária, que ela se assustou, que nos olhos inundou a verdade que a literatura, a poesia, a arte nos dão de maneira gratuita e generosa.

Será que Patricia não seria ficcionista, poetisa, artista, se houvesse seguido o caminho da biografia, da não-ficção?

Zenaide

Elas seriam amigas de faculdade, Zenaide e a mãe de Patricia, Rosilda. Elas conversariam sobre tudo, estudariam sobre tudo na biblioteca de Engenharia Química da Universidade Federal de Pernambuco.

E Zenaide convenceria a amiga a abdicar da bolsa de estudos em Salvador, do emprego em Salvador para Rosilda se casar com João, o amigo querido de Zenaide, o namorado de Rosilda.

Rosilda realmente escolheria se casar com João. E Patricia nasceria dois anos depois. E, trinta anos depois, Patricia se encontraria com a tia Zenaide, em um restaurante acolhedor em São Paulo, cidade onde a tia moraria, e contaria toda a história de vida, do momento que nasceu, roxinha, de uma cesariana, no hospital Oscar Coutinho, ao lado do Imip, na Ilha do Leite, em Recife; das amigas de infância e adolescência em Maceió; do início da vida adulta até os dias atuais em Recife; dos caminhos tortuosos que percorreu na carreira profissional e na educação dos filhos após a separação de Dudu; descobrir-se escritora aos trinta e quatro anos, e, aos cinquenta e dois anos, não querer desistir do sonho nem por um segundo.

Patricia Gonçalves Tenório é escritora, vinte e um livros publicados, entre eles, *A baronesa* (2020), em formato vídeopodcast, e *Rio a quatro mãos* (2021), escrito em parceria com Adriano Portela. Recebeu prêmios no Brasil e no exterior por *As joaninhas não mentem* (2006), *Grãos* (2007), *Como se Ícaro falasse* (2012), *A menina do olho verde* (2016) e pelo conjunto da obra em 2013. Mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS), ministrou, de 2016 a 2021, cursos on-line e presenciais do grupo de Estudos em Escrita Criativa, foi idealizadora da especialização em Escrita Criativa Unicap/PUCRS e organizadora da trilogia *Sobre a escrita criativa* (2017, 2018, 2020) e do *Estudos em Escrita Criativa* (2021).

Contatos: patriciatenorio@uol.com.br e grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com